

O TEMPO COMO INVENÇÃO DA VIDA: REFLEXÕES EM TORNO DO PENSAMENTO DE H. BERGSON

Cristiane Celestina Michel¹
Magali Mendes de Menezes²

RESUMO

Este artigo apresenta alguns resultados iniciais de um projeto de pesquisa que se propõe a refletir a noção de tempo na filosofia de Bergson, buscando explicitar seus principais conceitos com o intuito de repensar o tempo no espaço escolar. Esse conhecimento teórico é fundamental para problematizarmos, a partir de outras perspectivas, a educação. Isso nos leva a uma nova concepção de construção de conhecimento, com base na liberdade, criação e singularidade de cada sujeito. Por esse motivo, compreender o tempo é redescobrir o ser humano e entender a vida. O tempo, na teoria de Bergson, está vinculado a uma memória “consciência”, que pode fazer com que um acontecimento dure organizando o antes e o depois, alterando, desse modo, o presente. É dessa forma que tempo é fundamentalmente duração, em que passado, presente e futuro são tempos que se entrecruzam, deixando de serem pensados em sua linearidade, diferindo, assim, da forma usual em que pensamos o tempo.

Palavras-chave: Tempo. Duração. Memória. Impulso Vital. Escola.

RESUME

Este artículo presenta algunos resultados iniciales de un proyecto de investigación que se propone a reflexionar sobre la noción de tiempo en la filosofía de Bergson, buscando explicitar sus principales conceptos con el objetivo de repensar el tiempo en el espacio escolar. Ese conocimiento teórico es fundamental para que problematicemos la educación a partir de otras perspectivas. Eso nos lleva a una nueva concepción de construcción de conocimiento, fundamentado en la libertad, creación, singularidad de cada sujeto desde su historia de vida. Por ese motivo, comprender el tiempo es redescubrir el ser humano y entender la vida. El tiempo en la teoría de Bergson está vinculado a una memoria “conciencia” que puede hacer con que un acontecimiento persista, organizando el antes y el después, alterando de ese modo, el presente. Es así que el tiempo es fundamentalmente duración, en que pasado, presente y futuro son tiempos que se enlazan, dejando de ser pensados en su linealidad, difiriendo así de la forma usual en que pensamos el tiempo.

Palabras Clave: Tiempo. Duración. Memoria. Impulso Vital. Escuela.

¹ Bolsista de Iniciação Científica na Universidade Feevale. Graduada em Letras - Habilitação Português/Espanhol. E-mail: cristianemichel@hotmail.com.

² Professora e pesquisadora da Universidade Feevale. Doutora em Filosofia. E-mail: magalim@feevale.br.

INTRODUÇÃO

A reflexão sobre o tempo se faz relevante, pois compreendê-lo é entender o próprio ser humano, a formação de suas estruturas mediante sua ação sobre o mundo.

Estamos inseridos em uma cultura social que considera o tempo de forma espacial, ou seja, um tempo totalmente calculável. A ciência admite o tempo como percurso percorrido, variação numérica e casualidade. No entanto, percebemos, em nós, um tempo totalmente diferente; um tempo psicológico cuja duração é imensurável.

Vivemos em uma era em que a tecnologia, a informação e a ciência têm se multiplicado rapidamente. Estamos mergulhados em um oceano social permeado por inúmeros avanços que têm se sucedido de uma forma tão rápida e intensa que, muitas vezes, não conseguimos acompanhar. Seguimos uma rotina diária, procuramos atender as demandas sociais que exigem cada vez mais de nosso tempo. O ser humano vai se tornando, desse modo, insatisfeito, pois acaba por perceber que, na maioria das vezes, não consegue dar conta de tudo que gostaria de fazer.

Desde que o homem inventou o relógio é este que organiza o nosso dia, tudo está calculado, já não há tempo para apreciarmos a natureza, observar o desabrochar de uma flor, ouvir a melodia do canto dos pássaros, percebermos as necessidades alheias. Acabamos por perder a sensibilidade e deixamos de aprender com as coisas simples da vida. Nunca se ouviu falar tanto em violência, egoísmo e arrogância como nesses últimos tempos. A pressão social vendendo a ideia de um sucesso imediato, através da moda, da estética, do dinheiro e da fama, tem levado o homem a um movimento doentio em busca de uma felicidade instantânea, a uma obsessão de se obter o objeto desejado a qualquer custo. É dessa forma que o ditado popular “tempo é dinheiro” assume sentido e dá, da mesma forma, sentido à nossa existência.

Acabamos por pensar que todas as coisas do mundo estão sujeitas ao tempo cronológico que nos impede de pensar o tempo fora dessa dimensão.

Nessa perspectiva, perguntamo-nos por que, por exemplo, um momento de felicidade parece durar tão pouco tempo e um momento de dor parece não acabar nunca? No cotidiano, nos deparamo-nos com expressões tais como “hoje o tempo passou

rápido”, ou então, “como o tempo está custando a passar”. Esses exemplos nos mostram que a vida parece tentar escapar a essa armadura em que o tempo foi encerrado.

Mas como pensar o tempo escapando a essa leitura pragmática que fazemos do próprio tempo? Como pensar o tempo fora dos esquemas que nos conduzem a uma leitura linear da história e da vida? É dessa maneira que Bergson nos traz uma contribuição fundamental, que nos permitirá inventar o tempo, de pensá-lo como criação da própria vida.

A PROBLEMÁTICA DO TEMPO: ALGUMAS INQUIETAÇÕES

Nossa experiência diária, mesmo sendo organizada e controlada pelo tempo do relógio, nos mostra que a vida vai se construindo a partir de uma série de movimentos internos, que, segundo Bergson, se processam em nível psicológico, em que o tempo pode ser estendido, dilatado, contraído, vivido como duração.

A duração é, portanto, coexistência virtual, ou seja, nela coexistem todos os níveis ou todos os graus de contração e distensão enquanto pertencentes ao ser em si do passado, de modo que há uma repetição virtual de todo o nosso passado ao mesmo tempo e em todos os níveis distintos que ele traça e que contêm cada nível, todo nosso passado, num estado mais ou menos contraído (FORNAZARI, 2004, p. 39-40).

O pensamento de Bergson traz contribuições importantes para refletirmos sobre o tempo a partir de outras dimensões. Estamos acostumados a pensar o tempo em sua linearidade, dividimos o tempo em passado, presente, futuro, horas, minutos, segundos.

Se pensarmos na leitura de um livro, podemos perceber que ele possui vários momentos, episódios, porém tudo faz parte de uma mesma trama desenvolvida pelo autor. Se nos detivermos apenas em um capítulo, ou o dividirmos em partes iguais considerando apenas cada parte em separado, teremos uma compreensão incompleta, fragmentada, a respeito das ideias do autor. Assim também acontece com o tempo, se o fragmentamos, perdemos sua continuidade, deixamos de lado

sua totalidade e acabamos por perder a pura essência da duração. Será dessa forma que Bergson compreenderá a memória como um elemento importante na percepção da duração. Não há como pensarmos o tempo sem a memória ou a intuição, pois a memória é o que nos remete à lembrança, permitindo que passado e presente se entrecruzem. A “intuição é o movimento pelo qual saímos da nossa própria duração para afirmar e reconhecer a existência de outras durações [...]” (DELEUZE, 1999, p. 23).

Somente através da intuição podemos perceber o tempo como movimento. A intuição é o oposto da inteligência, não é racional, calculável, mas orgânica e totalmente pessoal, ou seja, é a maneira pela qual cada um percebe o momento vivido.

O tempo faz parte da nossa experiência diária de vida, ajudando a compor nossa individualidade. Cada indivíduo tem sua história, momentos, lembranças e acontecimentos que marcaram e modificaram sua visão de mundo. Assim, pensar o tempo é considerar o próprio sujeito em suas particularidades, percepções e criações e é dessa forma que o tempo é elemento importante para pensarmos a construção de nossa individualidade.

Essas questões, transportadas ao espaço escolar, nos mostram o quanto essa percepção da temporalidade parece ser distante. Refletir o espaço escolar não como instituição, como currículo pertencente a uma determinada cultura, mas como formação de sujeitos livres, criativos, capazes de organizar sua própria aprendizagem é ainda um ideal. Para isso, é de extrema importância a autodescoberta, o autoconhecimento, a construção da autonomia e da identidade. Não compreendemos aqui identidade como um elemento que nos fecha em nós mesmos, que nos torna “idem” (como a expressão mesma nos indica). Identidade se faz na percepção de um tempo que não é o mesmo, capaz de se transformar e é dessa forma que nossa identidade vai se construindo.

O processo de aprendizagem mostra-nos que é preciso nos conhecer para poder sair do nosso lugar e interagir com o outro de forma significativa em um movimento de construção e reinvenção de nosso tempo.

Apesar de Bergson ser um autor pouco estudado e referido no âmbito educacional, ele traz em sua filosofia questões essenciais, que podem

contribuir significativamente para pensarmos o espaço educacional. Para compreender como chegamos ao pensamento de Bergson, é importante descrevermos um pouco essa trajetória. Num primeiro momento desta investigação, a busca sobre a concepção de tempo e de que forma ele poderia interferir na educação nos levou a procurar um autor muito conhecido e mencionado tanto nos cursos de graduação como no espaço educacional: Jean Piaget. Porém, durante as leituras, fomos percebendo o quanto o pensamento de H. Bergson influenciava a concepção de tempo na obra de Piaget. No entanto, faz-se curioso o quanto essa relação teórica é pouco estudada. Os estudos sobre Bergson contribuiriam significativamente na reflexão e construção de novos conceitos e saberes sobre o tempo, proporcionando um novo rumo nesta pesquisa.

Mas que significado tem a temporalidade no pensamento de Bergson? Como esse conceito é capaz de fazermos repensar a própria organização do espaço escolar? São essas as principais questões que motivam esta reflexão.

A IDEIA DE UM TEMPO QUE COMPÕE E SE RECOMPÕE A TODO O MOMENTO

A existência do homem é marcada por um processo contínuo de mudanças. Com a revolução tecnológica, o homem passou a ter de lidar com uma série de mudanças de forma acelerada. A sociedade tornou-se totalmente materialista, na qual o sujeito é reconhecido pelo que possui. O tempo começou a ficar curto, tendo em vista as inúmeras atividades e ambições humanas. É dessa forma que o homem tem sido consumido pelo tempo. Precisamos mais do que nunca conhecer e viver o tempo de forma a estabelecer prioridades, fazer escolhas, sentindo o presente.

São muitos os teóricos que falam sobre a exaustão do presente, ou seja, paradoxalmente, o presente surge como algo que sempre nos escapa, mas, ao mesmo tempo, perseguimos sua eternização.

É a ‘einsteinização’ do tempo, como já houve quem dissesse. Ou seja, o tempo se contrai em espaço. Em síntese, o que passa a predominar é realmente um presente que eu vivo com terceiros, num determinado

lugar. Como que possamos denominá-lo, esse 'presentismo' contamina as representações e as práticas sociais, em particular as juvenis (MAFESSOLI, 2004, p. 27).

O tempo tem sido objeto de estudo, principalmente, da Ciência (Física) e da Filosofia. Ao longo da história, a compreensão sobre o tempo vem se modificando. Para Newton, o tempo era considerado como velocidade e espaço percorrido. O espaço era visto como estático e invariável. Na concepção de Newton, o tempo é tido como uma sucessão de eventos, contido num fluxo contínuo, independente e absoluto.

Na visão de Albert Einstein, o espaço e o tempo são relativos, ou seja, tudo depende do observador. Por exemplo, se eu olhar para o céu aqui da terra, vou ter uma percepção, porém, se observar o céu pela janela de um avião, a minha percepção se transforma.

Segundo Abbagnano (2007, p. 1116), para Bergson,

[...] o tempo da ciência é espacializado e por isso não tem nenhuma das características que a consciência lhe atribui. Ele é representado como uma linha, mas uma linha é imóvel, enquanto o tempo é mobilidade; a linha já está feita, ao passo que o tempo é aquilo que se faz.

É nessa compreensão que se concentra a crítica de Bergson à concepção de tempo que a ciência construiu, em que tempo e espaço se confundem.

Estamos tão acostumados com o tempo do relógio (cronológico, linear) que organiza a nossa rotina diária que acabamos por pensar que a nossa vida e todas as coisas estão sujeitas a ele. O tempo do relógio é espacializado, a ponto de falarmos em "movimento do tempo", movimento este constante. No entanto, deparamo-nos com inúmeras situações em nosso cotidiano em que percebemos um tempo totalmente diferente agindo em nós.

É o que percebemos nas situações limites, diante da dor ou da morte. A dificuldade de uma mãe em medir o tempo de sofrimento de seu filho; a própria experiência da dor ou da saudade mostram que não é fácil "medir" o tempo.

O tempo psicológico, percebido por cada

indivíduo, é imensurável e único. Esse tempo varia, está sujeito a interferências da cultura, da nossa história de vida, da personalidade, enfim, de inúmeros fatores que contribuem na nossa percepção de tempo. Tempo é vida, movimento, consciência, compondo cada momento de nossa experiência diária, entrelaçando recordações do passado, que vão tecendo o nosso presente. Para Bergson (1999), a ideia de tempo está inserida no ser. Este, através da memória, que é consciência e liberdade, concebe a duração do tempo. A duração consiste no tempo vivido, o que o filósofo denomina de tempo real, ou seja, é memória. A memória pode fazer com que um acontecimento dure ou desapareça rapidamente. É a memória que organiza o antes e o depois, alterando, assim, o presente. "Dir-se-á que a consciência do tempo se manifesta, pura e simplesmente, através do progresso da memória" (PIAGET, 2002, p. 299).

O MÉTODO BERGSONIANO: A INTUIÇÃO

Para compreendermos a complexidade da reflexão sobre o tempo na obra de Bergson, é importante entendermos a sua proposta metodológica de reflexão. O filósofo propõe um método para repensarmos como percebemos e construímos nossa consciência sobre o que é verdadeiro. Temos a tendência de considerar verdadeiro ou falso apenas as soluções; buscamos comprovar, através de resultados, o que é realmente verdadeiro. Esse é o caminho construído pela Ciência Moderna. Mas como construímos nossos problemas? A pergunta é a origem de toda reflexão e é sobre a pergunta e a forma como pensamos a pergunta que devemos nos debruçar. Bergson nos diz que, na elaboração das questões, acabamos confundindo problemas que são de natureza completamente diferentes. Propõe-nos, então, voltarmos-nos aos problemas e não somente aos resultados, ou seja, a análise e criação de problemas se dão, primeiramente, a partir da identificação das diferenças de natureza.

Percebemos, por exemplo, que, muitas vezes, na escola, o professor traz as questões e os alunos resolvem. A solução é considerada mais importante do que a questão em si, sem termos a preocupação de pensarmos se as questões são coerentes ou de que maneira surgem. Analisar as questões, criar problemas e recriá-los exige muito mais do que buscar soluções.

Segundo Bergson, para verificar se um problema é verdadeiro ou falso, precisamos da intuição. Comumente, compreendemos intuição como algo associado à sensação, ao pressentimento. A intuição, ao contrário, segundo o filósofo, é um método de investigação que envolve basicamente três regras.

A primeira regra propõe a criação e a análise de problemas. Para tanto, é necessário reconhecer os falsos problemas, que, muitas vezes, por um equívoco de reflexão, se confundem com os verdadeiros problemas.

Os falsos problemas são de dois tipos: problemas inexistentes e problemas mal colocados. “Problemas inexistentes, que assim se definem porque seus próprios termos implicam uma confusão entre o mais e o menos” (DELEUZE, 2006, p. 10).

Ao utilizarmos as palavras, atribuímos a elas significados, organizando nosso pensamento a partir do que se apresenta como o mais e o menos importante. Ou seja, estamos habituados a pensar que a ideia de atenção é mais que a desatenção, o acordo mais que desacordo, o ser mais do que não ser. Há uma compreensão de que o ‘menos’ é menos porque algo lhe falta. Para Bergson, a desatenção, o desacordo e o não ser não surgem como “faltas”, pois, para que tenhamos a ideia de desacordo, por exemplo, temos que, de antemão, compreender o que seja acordo. Assim, um problema inexistente se concentra no fato de dicotimizarmos conceitos que, no fundo, dependem um do outro, não possuem naturezas diferentes.

Os problemas mal colocados ou falsos problemas pressupõem uma incompreensão sobre as coisas que diferem por sua natureza. Coisas que possuem naturezas diferentes são tomadas como sendo a mesma coisa. “Pergunta-se, por exemplo, se a felicidade se reduz ou não ao prazer, mas a palavra felicidade e prazer podem conduzir a diversos significados. Esse problema é falso, pois mistura termos de diferentes naturezas” (DELEUZE, 2006, p. 11).

A segunda regra comporta exatamente isso, ou seja, o fato de percebermos as diferenças de natureza de um problema. Nossa tendência natural é unirmos os termos semelhantes para construirmos uma compreensão geral sobre algo. Quando pensamos em tempo, não separamos os termos que diferem por natureza, como espaço,

extensão, mas misturamos todas essas informações para expressarmos a ideia de tempo. O que Bergson faz é separar os termos, como espaço (movimento) e tempo (duração), para analisar e observar o que compete a cada um. Segundo ele, é a intuição que nos permite fazer essa separação e distinguir as diferenças de natureza.

A terceira regra consiste em colocar os problemas e resolvê-los a partir da dimensão do tempo, ou seja, da duração. A principal divisão que pode ser feita é entre a duração e o espaço. A duração apresenta as diferenças de natureza, enquanto o espaço apresenta as diferenças de grau.

O tempo apresentado pela ciência moderna é baseado no espaço, em que só é possível apresentar variações numéricas (variações de grau), mas o tempo exposto por Bergson diz respeito à nossa experiência de vida como duração. Esta apresenta diferenças de natureza, ou seja, quando trabalhamos, estudamos, interagimos com as pessoas e com o universo, estamos construindo saberes, adquirindo experiências. Nossa memória vai organizando essas experiências, construindo, tecendo sentidos e, através dessa experiência, vamos criando novos conceitos, mudando paradigmas. Nossa vida como “duração” está constantemente sofrendo alterações. Portanto, “a duração difere por natureza de todas as outras coisas e em relação a si mesma” (DELEUZE, 2006, p. 22).

Bergson atribui à memória e à duração o mesmo significado, considerando dois aspectos da memória: a memória lembrança como conservação do passado no presente e a memória contração como acumulação do passado no presente, sendo que os momentos sucessivos se constroem ou se condensam um no outro.³

Por isso, para Bergson, pensar o tempo é refletir sobre a duração como memória que se apresenta na própria elaboração do presente.

MOMENTOS DE REINVENÇÃO: MEMÓRIA COMO COEXISTÊNCIA VIRTUAL E ATUAL

“Dir-se-á que a consciência do tempo se manifesta, pura e simplesmente, através do progresso da memória” (PIAGET, 2002, p. 299).

É a memória que nos faz retornar ao passado, que acumula uma multiplicidade de movimentos,

³ Cf. Fornazari (2004, p. 8).

fazendo com que passado e presente interajam a todo o momento. A duração é heterogênea e varia qualitativamente em relação a si mesma. Toda nossa experiência de vida é conservada em nossa memória, que é também consciência e identidade. O ser não é constituído apenas do tempo presente, mas da relação que este faz com seu passado na própria elaboração do presente. Passado e presente não se sucedem, mas estão um sob o outro, são contemporâneos.

Nosso passado não se encontra separado do presente, mas, a todo instante, o presente vai se constituindo passado, ao mesmo tempo em que o passado vai alterando o presente. Em Bergson, encontramos dois conceitos que são fundamentais na compreensão dessas questões: a virtualidade e sua busca de realização. O virtual é o passado, mas não um passado que deixou de ser, que se mostra representado, congelado em uma lembrança. O passado é vivo em nós, ele “é em si”. Por isso, o passado não é algo de que nos damos conta porque passou e deixou em nós seus rastros. O passado, em sua virtualidade, palpita em nós como presente. Como Deleuze (1999) comenta, o passado vive entre dois presentes, ou seja, o presente que ele já foi e o presente atual em que ele reaparece como duração, através da memória.

[...] Jamais atingimos o passado se não nos colocarmos nele de saída. Essencialmente virtual, o passado não pode ser apreendido por nós como passado a menos que sigamos e adotemos o movimento pelo qual ele se manifesta em imagem presente, emergindo das trevas para a luz do dia. Em vão se buscaria seu vestígio em algo de atual e já realizado, [...] colocado no atual esgota-se em vãos esforços para descobrir, num estado realizado e presente, marca de sua origem passada [...] (BERGSON, 1999, p. 158).

O virtual, no entanto, quando coexiste com o presente, como um presente dilatado, que se expande invadindo todas as *frestas do tempo*, não nos chega como possibilidade. No tempo bergsoniano, nada está dado, nem o passado que, através da lembrança, precisaria simplesmente se atualizar. “A realidade do tempo é finalmente a afirmação de uma virtualidade que se realiza, e para a qual realizar-se é inventar” (DELEUZE, 1956,

p. 16).⁴ Este é o principal objetivo de Bergson, nos apresentar um tempo que não meramente se reproduz, mas que se reinventa num exercício constante de fazer da vida criação.

A duração, ou seja, a memória varia em relação a si mesma, isso significa que ela comporta as diferenças de natureza, enquanto a matéria apresenta apenas diferenças de grau. Nosso interior processa nossas experiências de modo que elas vão se modificando e sendo construídas, o passado e o presente coexistem como tempos que se entrecruzam constantemente. O virtual atualiza-se durante esse processo, ou seja, o ser (passado) não deixa de ter sua composição inicial, mas passa por um processo de atualização. O virtual é a possibilidade de ser, ou seja, aquilo que ainda não é, mas pode vir a ser. No entanto, reafirmamos que virtual não é o possível, é a uma virtualidade que se realiza. O possível é diferente do real, mas, se a imagem do possível se realiza, aí podemos apontar uma igualdade (semelhança), porém nem todo possível se torna real. Portanto, a relação entre eles é de limitações, diferenças e semelhanças. O virtual não é atual, ele possui uma realidade. O virtual difere do atual, a relação que há entre eles é de diferença e criação. É nesse momento que Bergson nos fala de impulso vital. O impulso vital é uma virtualidade, ele está sempre em um processo contínuo de atualização.

Nosso passado não se resume a uma acúmulo de lembranças retidas no nosso inconsciente. Quando evocamos uma imagem do passado, não mergulhamos de súbito no passado e abandonamos o presente, mas o passado se transporta ao nosso presente como imagem, um recorte que vai sendo modelado segundo a nossa nova percepção que se constrói pelo presente momento. Dessa forma, o presente vai se constituindo passado e um novo presente vai surgindo. Considerando esse movimento do tempo que ocorre em nosso interior, podemos pensar a educação como espaço onde são emitidas figuras (conceitos, conteúdos), que, se não estabelecerem uma relação significativa com a duração, não se constituirão como aprendizagem.

⁴ DOSSIÊ Gilles Deleuze & Feliz Guattari. Guaikuru index, Editado e publicado por M. Rocha, s/d. Apresenta vários textos de e sobre G. Deleuze e F. Guattari. Disponível em: http://www.dossie_deleuze.blogger.com.br/index.html. Acesso em: 7 ago. 2009.

Respeitar o processo individual de cada aluno na construção de sua aprendizagem não significa tão somente proporcionar mais tempo para que o aluno assimile o conteúdo, mas impulsionar o aluno por meio de desafios, obstáculos que o levem a utilizar suas experiências cotidianas para a construção de conceitos significativos.

ALGUMAS REFLEXÕES QUE FICAM...

Será dentro dessa dimensão que pensamos a contribuição valiosa de Bergson para pensarmos o espaço escolar. A compreensão do tempo aqui proposta nos permite perceber a relevância de, no espaço escolar, relacionar os conteúdos trabalhados com as vivências cotidianas dos alunos. Os conceitos apresentados por Bergson revelam-nos que o tempo como duração é vida, consciência, memória, liberdade. “Compreende-se que um tema lírico percorra toda a obra de Bergson: um verdadeiro canto em louvor ao novo, ao imprevisível, à invenção, à liberdade” (DELEUZE, 1956, p. 17). A relação com a aprendizagem está vinculada ao tempo vivido por nós como duração. Nisso consiste a importância de se pensar atividades e tarefas educacionais que considerem os saberes trazidos pelos alunos, que valorizem sua história de vida. O aluno, conhecendo-se a si próprio, vai se percebendo como ser capaz de interagir, criar, aprender, ensinar, mudar. Desse modo, os indivíduos passam a se valorizar e também a estimar e respeitar o outro, percebendo que somos diferentes. “O ser de fato está do lado da diferença, nem uno nem múltiplo” (DELEUZE, 1956, p. 7). A diferença não é contradição em que poderíamos analisá-la desde a dialética; não é perceptível por comparações externas. A diferença compõe os indivíduos, somos feitos de diferença, alteramo-nos a todo o momento, pois a duração é o que nos faz diferir!

O homem é por natureza um ser criativo. É próprio do ser aprender, construir, projetar, planejar. No entanto, para isso, é essencial que conheçamos as ferramentas que temos, para poder utilizá-las aproveitando o seu máximo potencial. Quando falamos em ferramentas, não nos referimos a recursos materiais, mas à composição do nosso próprio ser. Nossos saberes, experiências, habilidades, nossa própria identidade.

Vivemos em um mundo materialista, no qual

o que importa é o produto, o exterior, e não o processo, os caminhos construídos para se chegar a esse resultado. Como a escola é o reflexo da sociedade, percebemos a mesma lei regendo o ensino, o importante são as respostas, não o processo interno desenvolvido para chegar às soluções. Há um currículo a ser seguido, um tempo que é o mesmo para todos para assimilar os novos conhecimentos.

Ainda temos um imenso desafio pela frente. Tanto a escola como outras instituições instauradas pela modernidade vão se afastando da própria vida. Escutamos, com frequência, em nossas escolas, a expressão “o mundo lá fora, a vida lá fora”. Entre os muros da escola,⁵ escutamos “gritos silenciosos” daqueles que exigem a abertura das janelas para poder respirar. Deixemos, então, o tempo e a vida entrar em nossas escolas de forma criativa e inventiva!

REFERÊNCIAS

- ABBAGNANO, Nicola. **Dicionário de Filosofia**. São Paulo: Editora Ltda., 2007. 1210p.
- BERGSON, Henri. **Duração e Simultaneidade**. São Paulo: Martins Fontes, 2006. 238p.
- _____. **Memória e Vida**. São Paulo: Martins Fontes, 2006. 184p.
- _____. **Matéria e Memória**: ensaio sobre a relação do corpo com o espírito. São Paulo: Martins Fontes, 1999. 291p.
- DELEUZE Gilles. **Bergsonismo**. São Paulo: Editora 34, 1999. 141p.
- _____. **Bergson**. [on line], 1956. Disponível em: <http://www.dossie_deleuze.blogspot.com.br/index.html>. Acesso em: 7 ago. 2009.
- FORNAZARI, Sandro Kobol. **O bergsonismo de Gilles Deleuze**. Trans/Form/Ação, São Paulo [online]. 2004. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/trans/v27n2/v27n2a03.pdf>>. Acesso em: 28 ago. 2009.

⁵ Nome de um filme francês, que retrata muito bem essa realidade.

LAVILLE, Christian; DIONE, Jean. **A construção do saber**: Manual de metodologia da pesquisa em ciências humanas. Porto Alegre: UFMG e ARTEMED, 1999. 340p.

MAFESSOLI, Michel. **Notas sobre a Pós-modernidade**: o lugar faz o elo. Rio de Janeiro: Atlântica e Yendis, 2004. 155p.

PIAGET, Jean. **A noção de tempo na criança**. Rio de Janeiro: Record, 2002. 462p.

PRODANOV, Cleber Cristiano; FREITAS Ernani Cesar. **Metodologia do trabalho científico**: métodos e técnicas da pesquisa e do trabalho acadêmico. Novo Hamburgo, RS: Feevale, 2009. 283p.